



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 25/11/2022 a 01/12/2022

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
25/11/2022	14,36	408,80	74,52	7,75	6,68
28/11/2022	14,57	413,60	76,07	7,56	6,68
29/11/2022	14,59	408,50	76,54	7,57	6,65
30/11/2022	14,69	417,70	75,23	7,71	6,62
01/12/2022	14,29	420,90	68,40	7,58	6,50
Média	14,50	413,90	74,15	7,63	6,63

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	170,00	
RS – Não Me Toque	171,00	
RS – Londrina	167,00	
PR – Cascavel	168,00	
MT – C.N.Parecis	156,00	
MS – Maracaju	170,00	
GO - Rio Verde	167,00	
BA – L.E.Magalhães	168,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	91,00	CIF
Porto de Paranaguá	94,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	84,00	
SC – Rio do Sul	85,00	
PR – Cascavel	76,00	
PR – Londrina	75,00	
MT – C.N.Parecis	65,00	
MS – Maracaju	73,00	
SP – Itapetininga	83,00	
SP – Campinas	87,00	CIF
GO – Rio Verde	71,00	
GO – Jataí	71,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	88,00	
RS – Não Me Toque	88,00	
PR – Londrina	97,00	
PR – Cascavel	98,00	

Período: 30/11/2022

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 01/12/2022**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	84,12	172,43	90,10

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
01/12/2022**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	82,09
Feijão (saco 60 Kg)	222,14
Sorgo (saco 60 Kg)	68,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,62
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,56**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,45

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Outubro/22 - média cf. Cepea/Esalq

(***) Clicmercado cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

Nesta semana as cotações da soja, em Chicago, reagiram um pouco, com o primeiro mês chegando a bater em US\$ 14,75/bushel, a mais alta desde o dia 20/09. Posteriormente, o mercado despencou na quinta-feira (01/12), puxado pelo óleo de soja, com o fechamento ficando em US\$ 14,29/bushel, contra US\$ 14,36 uma semana antes.

O óleo de soja perdeu 10,6% de seu valor entre terça e quinta-feira desta semana, voltando a 68,40 centavos de dólar por libra-peso no dia 1º de dezembro (a mais baixa cotação desde o dia 17/10), foi atingido por dois grandes movimentos baixistas: 1) o “dólar soja” aplicado na Argentina, mais uma vez, desde o dia 25/11, desta vez, além dos efeitos naturais sobre o grão, foi adotado igualmente para as exportações de farelo e óleo de soja do vizinho país. Ao mesmo tempo, o imposto (retenciones) sobre as exportações dos dois derivados foi reduzido; 2) o governo dos EUA anunciou um aumento nas suas misturas compulsórias de biogás e do biocombustível avançado, deixando de lado o biodiesel de soja e de milho.

Por outro lado, os principais motivos que deram um pouco de sustentação aos preços no início da semana foram: 1) a estiagem que atinge partes das regiões produtoras da América do Sul, em especial Argentina, Paraguai e sul do Brasil; 2) as boas exportações por parte dos EUA; 3) e o anúncio do governo dos EUA de que irá diminuir a intensidade dos aumentos em suas taxas de juro básicas. Além do fato de a China estar enfrentando dificuldades em manter seu sistema de lockdown devido as pressões contrárias da população local.

No caso das exportações, na semana encerrada em 24/11 os EUA embarcaram 2,02 milhões de toneladas de soja, volume que ficou dentro das expectativas do mercado. Esse volume eleva para 19,2 milhões o total exportado no atual ano comercial, porém, ainda deixando o mesmo 10% abaixo do volume embarcado no mesmo período do ano anterior. Mas o efetivamente vendido, porém, ainda não embarcado, até este momento já alcança mais de 36 milhões de toneladas de soja e é 1% maior do que há um ano.

E na Argentina se iniciou um novo período do chamado “dólar soja”, o qual demorou um pouco para fazer efeito sobre Chicago, porém, agora já está presente. Lembrando que, em setembro, este mecanismo elevou sobremaneira as exportações argentinas da oleaginosa, fato que ajudou a derrubar as cotações naquela Bolsa. Neste novo período, um dólar passa a valer 230 pesos para a exportação de soja, quando em setembro seu valor havia sido de 200 pesos. Esse câmbio é quase 40% melhor do que o praticado no comércio local neste momento. A medida está valendo até o dia 31 de dezembro do corrente ano e engloba, como indicamos, também o farelo e o óleo de soja. O objetivo do governo argentino é o de alcançar a cifra de US\$ 3 bilhões, já que a nação sofre uma severa falta de dólares e precisa começar a arcar com seus compromissos financeiros, em especial com o FMI (Fundo Monetário Internacional). Em setembro passado, os argentinos negociaram 13 milhões de toneladas de soja sob o novo câmbio, sendo dois terços para o mercado interno e um terço para exportação. Provavelmente o quadro irá se repetir agora, porém, com volumes diferentes. Assim, não será surpresa, dependendo do volume que os produtores argentinos negociarão, que as cotações em Chicago recuem em dezembro. Por outro lado, a evolução da estiagem em parte da América do Sul poderá contrabalançar este movimento,

impedindo quedas mais expressivas de preços. Pelo sim ou pelo não, os argentinos teriam ainda cerca de 12 milhões de toneladas de soja, da safra 2021/22, para comercializarem. Em tal contexto, para as indústrias moageiras argentinas, com uma pressão na margem de esmagamento, poderia ser registrada uma queda nos prêmios tanto do farelo, quanto do óleo. No caso das exportações, em dezembro e janeiro poderia haver mais concorrência com a nova soja do Brasil, que começa a chegar ao mercado. Já para o período de fevereiro e março, pode ocorrer recuo em Chicago ou nos prêmios FOB portos para a safra 2022/23, fato que diminuiria os preços aos produtores brasileiros. (cf. Hedge Point Global Markets)

Além disso, com a Argentina mais presente no mercado exportador da soja, poderá ocorrer represamento das vendas dos EUA, aumentando seus estoques e pressionando Chicago. A China tende a privilegiar, em tal contexto, a soja argentina. Em outubro, os chineses importaram 923.000 toneladas de soja da Argentina, 470% acima do realizado um ano antes, no mesmo mês, fato que soma 2 milhões de toneladas de compras desde setembro. Ou seja, pode-se afirmar que a Argentina tomou o mercado do Brasil e dos EUA, neste volume, nestes dois meses considerados. E, agora, com a retomada do “dólar soja” esse movimento tende a voltar com força em dezembro e, talvez, meses seguintes. Nos primeiros três dias do novo câmbio (de 25 a 29/11) os produtores argentinos venderam quase um milhão de toneladas da oleaginosa (945.029 toneladas). (cf. Bolsa de Grãos de Buenos Aires)

Dito isso, no Brasil os preços continuaram estáveis, com poucas oscilações importantes. A média gaúcha, no balcão, fechou a semana em R\$ 172,43/saco, enquanto as principais praças locais trabalharam com valores entre R\$ 170,00 e R\$ 171,00/saco. Nas demais localidades brasileiras os valores oscilaram entre R\$ 156,00 e R\$ 170,00/saco.

Ajudou para este comportamento a revalorização do Real, com o mesmo voltando à casa dos R\$ 5,20 por dólar durante a semana.

Por outro lado, aumentam as preocupações com a falta de chuvas no sul e Centro-Oeste do país nas regiões produtoras. Chove muito no litoral e em regiões do Nordeste, mas para a soja e milho isso pouco resolve. Rio Grande do Sul e Santa Catarina já diminuíram o ritmo de plantio devido a falta de umidade. Apesar disso, e esperando que tal problema não se prolongue, a Conab informa que espera um plantio nacional de soja sobre uma área total de 43,2 milhões de hectares, sendo que 76% estavam semeados até o dia 19/11, ficando abaixo do plantado no ano anterior, na mesma época, que atingia a 86% da área.

Na Argentina, todavia, o quadro é bem pior, pois dos 16,7 milhões de hectares esperados, até o dia 24/11 apenas 19,4% haviam sido semeados, contra 39,4% no mesmo período do ano anterior. (Bolsa Comercial de Rosário)

No caso brasileiro, até o dia 25/11, segundo a Pátria AgroNegócios, o plantio atingia a 88,6% da área projetada, já ficando acima da média por ela calculada, que é de 81,5% para esta época, porém, abaixo dos quase 92% efetivados em 2021. O retorno das chuvas em algumas regiões do Centro-Sul brasileiro permitiu um certo avanço nesta semeadura. Regiões como o Mato Grosso, por exemplo, conseguiram encerrar o

plantio nesta semana, finalmente. Mesmo assim, se espera que as primeiras lavouras locais venham a ser colhidas ainda em janeiro próximo.(cf. Imea)

Outras regiões que chegam ao fim do plantio são o Mato Grosso do Sul, Paraná e Goiás. Enquanto isso, o Rio Grande do Sul atingia a 60% da área prevista até o dia 24/11, contra 65% na média histórica para a data. (cf. Emater)

Por sua vez, existe uma expectativa de aumento na produção de farelo de soja neste próximo ano comercial aqui no Brasil. Isso ocorreria se o teor da mistura de biodiesel ao diesel de petróleo permanecer em 10% (B10). Com isso, a produção de farelo pode alcançar 39 milhões de toneladas em 2022/23, contra 38 milhões na safra passada. Agora, se o Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) retomar o seu cronograma original, a mistura pode ir a 14%, em janeiro e fevereiro, e 15% de março a dezembro, fato que levaria a produção de farelo para 43 milhões de toneladas. Isso ocorre porque, no esmagamento de cada grão de soja, se obtém, em média, 18,5% de óleo e 78% de farelo. Para se ter uma ideia da importância do biodiesel nos combustíveis, para além da economia de petróleo, entre 2018 e 2022 foram esmagadas 90 milhões de toneladas de soja a mais devido ao mesmo. Isso representa cerca de 16% do total processado no período (502 milhões de toneladas). Por outro lado, a retomada da mistura do biodiesel também pode incrementar a produção de óleo de soja em mais de um milhão de toneladas, em 2023, levando a mesma para 11,3 milhões. Se o B10 for mantido, este volume deve ficar em 10,1 milhões de toneladas. (cf. ABIOVE)

Enfim, destaque para o fato de que os primeiros focos de ferrugem asiática surgiram no Paraná, nesta semana, em lavouras de soja comerciais.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, igualmente recuaram, porém, em menor intensidade, pelo menos por enquanto. O fechamento desta quinta-feira (01/12) ficou em US\$ 6,50/bushel, contra US\$ 6,63 uma semana antes.

Dito isso, na semana encerrada em 24 de novembro os embarques estadunidenses de milho foram de 302.350 toneladas, ficando abaixo do esperado pelo mercado. Assim, em todo o atual ano comercial, os embarques de milho, pelos EUA, chegam a 5,8 milhões de toneladas, ou seja, 33% abaixo do realizado no mesmo período do ano anterior. E o total já comprometido, de milho estadunidense, com a exportação é de 17,8 milhões de toneladas, isto é, 48% menos do que no mesmo período do ano comercial anterior (2021/22).

Já na Europa, a Comissão da União Europeia voltou a cortar sua estimativa de produção de milho, trazendo a mesma, agora, para 53,3 milhões de toneladas, ou seja, 1,6 milhão a menos do que o indicado um mês antes. O produto local sofreu com fortes secas e ondas de calor. No final de junho ainda se esperava 71,7 milhões de toneladas. O volume corrigido, de agora, é o menor dos últimos 15 anos. Com isso, as importações de milho, por parte dos países da União Europeia, serão ainda maiores, devendo alcançar 23 milhões de toneladas em 2022/23.

E aqui no Brasil, os preços igualmente se mantêm estáveis. A média gaúcha, no balcão, fechou a semana em R\$ 84,12/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 65,00 e R\$ 85,00/saco.

Por sua vez, na B3, o fechamento da quarta-feira (30/11), para informação, foi de R\$ 88,46/saco para janeiro. Março atingiu a R\$ 92,30; maio R\$ 91,33; e julho R\$ 89,40/saco.

Dito isso, o plantio do milho de verão chegava a 88% da área no dia 24/11, no Centro-Sul brasileiro, contra 93% um ano antes. As chuvas irregulares em muitas regiões estão atrasando um pouco o mesmo, assim como provocando preocupações junto aos produtores.

Por sua vez, os produtores da futura safrinha de milho já teriam comprado 75% do fertilizante necessário, ficando abaixo da média histórica, que é de 83% no início de dezembro. Aparentemente os mesmos não têm demonstrado pressa na aquisição dos insumos, talvez apostando em preços menores mais adiante. Ou, o que é preocupante, muitos diminuindo o uso do insumo devido seus ainda elevados preços. Lembrando que o Brasil importa 85% de sua demanda por fertilizantes. Especificamente, no Mato Grosso as compras do insumo chegam a 89% do consumo estimado para a futura safrinha. Já no Paraná tais compras estão 13 pontos percentuais abaixo do normal. (cf. Agrinvest)

Ainda no Paraná, o plantio do milho de verão, estando finalizado, destaca-se que 14% das lavouras estão em floração e 1% em frutificação. Cerca de 83% das lavouras locais se apresentam em boas condições, 15% regulares e 2% ruins.

Por fim, a Conab confirma sua estimativa de uma safra total de milho, no Brasil, em 126 milhões de toneladas, fato que representaria um aumento de 12% sobre o produzido no ano anterior. Além do clima, o cuidado, agora, é com a cigarrinha do milho, a qual vem atingindo lavouras do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul e outros Estados.

Pelo lado do comércio externo, a Conab estima que o Brasil irá importar, em 2022/23, cerca de 2,5 milhões de toneladas de milho, enquanto as exportações podem chegar a 45 milhões de toneladas.

Segundo a Anec, a exportação de milho em novembro está estimada em 5,94 milhões de toneladas, abaixo das primeiras projeções. Assim, no acumulado do ano, incluindo novembro, as exportações brasileiras do cereal somariam 37,8 milhões de toneladas. Para a Anec, diferentemente da Conab, as exportações totais brasileiras de milho, em 2022, ficará em torno de 41 milhões de toneladas.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, continuaram recuando em boa parte desta semana. O bushel do cereal, para o primeiro mês cotado, chegou a US\$ 7,57 no dia 29/11, valor mais baixo desde o dia 19 de agosto passado. O fechamento da quinta-feira (01/12) acabou ficando em US\$ 7,58/bushel, contra US\$ 7,93 uma semana antes.

Há trigo barato na Rússia e outras regiões do Mar Negro, aumentando a pressão sobre o produto dos EUA. Além disso, houve chuvas nas regiões produtoras do trigo de inverno estadunidense, fato que teria melhorado as condições de plantio do produto, o qual se aproxima do final.

Já na União Europeia, o trigo macio tem sua produção estimada em 127 milhões de toneladas para 2022/23, enquanto as exportações foram reduzidas para 34 milhões de toneladas.

Ainda nos EUA, os embarques de trigo, na semana encerrada em 24/11, atingiram a 198.519 toneladas, ficando abaixo do esperado pelo mercado. No total do ano comercial atual o volume chega a 10,5 milhões de toneladas, ou seja, um pouco menor do que o realizado em igual período do ano anterior.

Por sua vez, diante das atribulações existentes no mercado mundial de trigo, especialmente devido ao conflito armado entre Rússia e Ucrânia, o mercado vem dando mais atenção à produção da Índia. Neste sentido, os indianos teriam semeado 15,3 milhões de hectares com o cereal, desde outubro, aumentando a área em 11% em relação ao ano anterior, segundo o governo local. Por enquanto, com o clima ajudando, a projeção é de uma safra cheia naquele país (103 milhões de toneladas para 2022/23). Os preços do cereal subiram 33% neste ano de 2022, atingindo a US\$ 355,19/tonelada. Para efeitos de comparação, a partir da média atual gaúcha e o câmbio brasileiro, a tonelada paga ao produtor do Rio Grande do Sul está em US\$ 288,78, ou seja, 18,7% abaixo do valor pago na Índia. A colheita neste país se inicia em março próximo.

Já no Brasil, a colheita do trigo está ao redor de 80% da área total, enquanto os preços se estabilizaram. A média gaúcha, no balcão, fechou a semana em R\$ 90,10/saco. Todavia, as principais praças gaúchas, pela primeira vez depois de muito tempo, estão praticando preços abaixo de R\$ 90,00/saco, mais especificamente R\$ 88,00 nesta semana. Esse movimento era previsto diante da grande safra que o Estado vem colhendo. Enquanto isso, no Paraná os preços se estabeleceram entre 97,00 e 98,00/saco.

Em termos de colheita, no Paraná a mesma atingia a 98% da área no dia 28/11. Por sua vez, no Rio Grande do Sul a colheita chegava a 78% da área, contra 97% na média histórica nesta data. (cf. Deral e Emater)

Enfim, em seu levantamento de novembro, a Conab indica que a área com trigo no Brasil cresceu 11,4%, chegando a 3,05 milhões de hectares. A produtividade média esperada é de 3.114 quilos/hectare (51,9 sacos/hectare), o que representa um aumento de 11,1% sobre a safra anterior. Com isso, a produção final brasileira continua estimada em 9,5 milhões de toneladas, ou seja, um aumento de 23,7% sobre a safra anterior. Assim mesmo o Brasil deverá importar 6,1 milhões de toneladas do cereal, no atual ano comercial, enquanto as exportações poderão chegar a 2,7 milhões. O consumo interno brasileiro de trigo está calculado em 12,3 milhões de toneladas.